

Fernando Pessoa no chão da escola: Reflexões sobre ensino de literatura

[Fernando Pessoa on the school floor:
Reflections on teaching literature]

Marta Aparecida Garcia Gonçalves*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Rede Nordeste de Ensino de Literatura, Leitura literária, Formação docente.

Resumo

Este artigo discute a importância do ensino da obra de Fernando Pessoa nas escolas de educação básica e nas licenciaturas em Letras no Rio Grande do Norte, analisando os desafios enfrentados por professores de literatura, como currículos que desvalorizam as humanidades e a falta de tempo para leituras mais aprofundadas. A pesquisa revelou que muitos alunos possuem apenas conhecimentos superficiais sobre a obra de Pessoa, evidenciando a necessidade de metodologias de ensino mais acessíveis e envolventes. Para exemplificar, são apresentadas duas atividades práticas realizadas pela Rede Nordeste de Ensino de Literatura: uma voltada para a criação de heterônimos e outra para a leitura e produção de cartas, com foco em textos pessoanos menos conhecidos. O estudo reforça que a literatura deve ser compreendida como um espaço de diálogo e reflexão, essencial para a formação de cidadãos críticos e sensíveis, destacando o papel do professor em despertar o interesse pela leitura e pela literatura pessoana.

Keywords

Fernando Pessoa, Northeast Literature Teaching Network, Literary reading, Teacher training.

Abstract

This article discusses the importance of teaching Fernando Pessoa's work in basic education schools and undergraduate programs in Language Studies in Rio Grande do Norte. It analyzes the challenges faced by literature teachers, such as curricula that undervalue the humanities and the lack of time for more in-depth readings. The research revealed that many students have only superficial knowledge of Pessoa's work, highlighting the need for more accessible and engaging teaching methodologies. To illustrate this, two practical activities carried out by the Northeast Network for Literature Teaching are presented: one focused on the creation of heteronyms and another on the reading and writing of letters, emphasizing less-known texts by Pessoa. The study reinforces that literature should be understood as a space for dialogue and reflection, essential for the formation of critical and sensitive citizens, while emphasizing the teacher's role in fostering interest in reading and Pessoa's literary works.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Departamento de Letras – Rede Nordeste de Ensino de Literatura.

Desafios do Ensino de Literatura

O escritor Italo Calvino no livro *O caminho de San Giovanni*, afirma que “uma explicação geral do mundo e da história deve levar em conta, antes de mais nada, a localização da nossa casa” (CALVINO, 2000: 17). Estas reflexões nasceram assim: em parte da “nossa casa”, pois acompanham a nossa experiência em salas de aula de ensino de Literaturas de Língua Portuguesa para graduandos e pós-graduandos de Letras, estendidas ao Programa PIBID, com o qual venho atuando há alguns anos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e também de ações realizadas no âmbito da Rede Nordeste de Ensino de Literatura.¹

Início, ponderando sobre a importância de trazer Fernando Pessoa para a sala de aula, mais do que para a sala de aula, diríamos, para o chão da escola, uma tarefa “que exige um conhecimento tanto literário, quanto prático e pedagógico” principalmente pelo fato de que construir um processo didático-pedagógico sobre a obra pessoana, conduzirá a um procedimento também do que poderíamos denominar de uma não-didática, ou de uma “desdidatização da literatura”, pela compreensão da singularidade dos processos estéticos da sua obra e do multifacetado universo pessoano, conforme assinalam MACEDO e SALAZAR (2021: 275).

Enquanto professores e pesquisadores da obra de Pessoa, nos perguntamos: De que forma o material literário pessoano pode ser didatizado, decomposto em conteúdo, em aulas, em ensino? Quais são os pontos comuns que direcionam os questionamentos sobre a literatura de Fernando Pessoa e seu ensino na contemporaneidade? Como trazer a experiência estética pessoana para a prática pedagógica e vice-versa?

Para refletir um pouco não só sobre o ensino da literatura pessoana, mas da literatura em geral, vemos que grandes passos foram dados no que refere à apresentação e sistematização de pesquisas voltadas ao tema ensino de literatura e já se tornou bastante usual se falar em “metodologias de ensino da literatura”, “educação literária”, “competências literárias”, etc., mas, se voltássemos um pouco no nosso tempo histórico e nos nossos espaços de aprendizado, perceberíamos que sempre existiram professores e professoras que foram capazes de motivar em nós o gosto

¹ Este artigo foi apresentado previamente no evento acadêmico e cultural “Pessoa convida pessoas nos 90 anos da *Mensagem* e nos 50 anos do 25 de Abril” que visou reunir pesquisadores internacionais e nacionais reconhecidamente dedicados à investigação, edição e divulgação da obra de Fernando Pessoa. Gostaria de agradecer ao gentil convite das Cátedras Agostinho Silva (UnB) e Fernando Pessoa (UniAndes) nas pessoas da organização do Congresso para participar deste momento de celebração dos 90 anos de *Mensagem* e dos 50 anos do 25 de abril e também de saudar os alunos da UnB, os colegas professores que nos acolheram de forma tão carinhosa: vou sentir saudades. Ainda, quero saudar e transmitir meu encantamento à artista colombiana María José Ávila García, que tão bem soube captar o universo pessoano em suas ilustrações: salve, María!

pela leitura literária e lá, no fundo da nossa memória, é possível a todos nós vermos a pessoa que nos iniciou na leitura literária, na escola: Maria Celeste, minha professora do ensino fundamental que primeiro me apresentou as quadras pessoanas (PESSOA, 1979) e também os que, com o passar do tempo, foram fortalecendo nossa vocação para o ensino de literatura, no ensino médio e depois na universidade: Maria Kominos, Ana Maria Filizola, Maria Adélia Menegazzo, Ilza Matias de Sousa, dentre outros, uma vocação que nós mantemos contra os ventos e as marés altas, apesar das condições em que tem de trabalhar um professor de literatura hoje e as dificuldades que enfrenta a cada dia, dentre as quais poderíamos destacar algumas já relacionadas por nós em trabalho anterior (GONÇALVES, 2015):

- Currículos que prestam pouca atenção às humanidades literárias, com carga horária de disciplinas cada vez mais reduzidas;
- A percepção de impotência do professor diante da inexorabilidade do reduzido tempo destinado ao ensino de literatura, o que o obriga a uma fragmentação das leituras e dos próprios processos de ensino, gerando uma rotina enfadonha para os alunos: leem-se excertos de textos literários, quando o ideal seria a leitura das obras completas;
- O quantitativo de leituras teóricas em desacordo com o quantitativo de leituras literárias, o que faz com que nossos alunos, principalmente nos cursos de Letras, leiam muita teoria e poucos textos literários;
- Sobrecarga de trabalho com um número excessivo de horas de ensino em todos os níveis: na universidade, no ensino fundamental e no médio;
- Falta de aportes como acervos físicos e digitais, bibliotecas, laboratórios e espaços adequados;
- A burocracia que nos faz perder muito e nos desencoraja tanto;
- O preço dos livros em desacordo com o poder aquisitivo dos alunos e dos próprios professores;

Nas aulas de graduação, são frequentes comentários como: – Puxa, Professora, Fernando Pessoa é difícil: não entendi nada desse *Marinheiro*. Ou ainda: – Professora, são muitas leituras? – Professora, tenho de ler o livro todo? É pra ler *Mensagem* inteiro? São questões que refletem a falta de tempo e talvez até de compromisso da/na contemporaneidade. Isso espelha a dificuldade que o aluno possui em relacionar o ato de leitura também a um ato de reflexão, a tão desejada interpretação ligada à emoção da leitura, conforme apontava o saudoso Moacyr SCLIAR (1995).

Por outro lado, creio que todos nós, professores e pesquisadores de literatura, estamos convencidos de que nosso objeto é a melhor e a mais autêntica fonte de recursos, pois oportuniza a formação de sujeitos tanto em sua individualidade quanto para atuarem na sociedade, o que se relaciona com a experiência, com desenvolver mais a imaginação e talvez se tornar mais sensível aos problemas sociais e humanos, porque a literatura, e falamos aqui especialmente da literatura pessoana, enquanto nos fornece uma fonte inesgotável de prazer, nos faz (e deve) nos fazer

pensar acreditando ser possível com ela e a partir dela “tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo” (CALVINO, 1990: 127), ampliando também o nosso repertório, pois formar um leitor de literatura “significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações estéticas, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres” (PAULINO, 2010: 161-162).

E, então, como tornar Fernando Pessoa objeto de desejo dos alunos? Como abordar, em sala de aula, o plurifacetado universo pessoano? Como trabalhar tanto o heteronimismo¹, que já é ensinado nos livros didáticos, quanto, para além disso, entender o ato de leitura aos textos pessoanos menos conhecidos?

Para discorrer sobre essa questão, apresento algumas das atividades realizadas pela Rede Nordeste de Ensino de Literatura, uma rede de pesquisa em ensino criada em 2020 que engloba professores das redes públicas municipais e estaduais e pesquisadores das instituições públicas de ensino superior dos nove estados da Região Nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. A rede parte do princípio de que nas escolas brasileiras, especialmente do Nordeste, há várias propostas e experiências que se alinham ou podem ser alinhadas para se ensinar literatura, mas que terminam sendo ignoradas por falta de reconhecimento. Assim, a Rede foi criada com o intuito de sistematizar e dar visibilidade ao que se faz na região nordeste por meio de seminários e da apresentação e divulgação de propostas e experiências como alternativas para fortalecer o ensino da literatura na educação básica, notadamente nas escolas públicas municipais e estaduais.

Ilustraremos com algumas ações de projetos de pesquisa, em que o foco principal foi a construção e/ou sistematização de atividades de experiência literária pelos alunos da graduação em Letras da UFRN, pelos professores da Rede pública de educação básica, pelos mestrandos e doutorandos e socializadas nas oficinas da Rede Nordeste de Ensino de Literatura, que organiza um encontro anual nos Estados² e um bianual, congregando todos os Estados da região. Dentro da proposta da Rede, desenvolvemos como subtema uma proposta voltada para a criação de Sínteses de

¹ Optamos neste trabalho pelo uso da forma heteronimismo, conforme cunhado por Fernando Pessoa, embora o termo heteronímia tenha se tornado usual entre os estudiosos e leitores brasileiros da obra pessoana: “Isto explica, *tant bien que mal*, a origem orgânica do meu heteronimismo. Vou agora fazer-lhe a história directa dos meus heterónimos. Começo por aqueles que morreram, e de alguns dos quais já me não lembro — os que jazem perdidos no passado remoto da minha infância quase esquecida”. Conforme: Portela, Manuel e António Rito Silva, orgs. (2017). *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. URL: <https://ldod.uc.pt/>

² O primeiro encontro foi realizado na Universidade Federal da Paraíba, o segundo na Universidade Estadual do Ceará e o terceiro será realizado em 2025 no Rio Grande do Norte, em parceria entre o Instituto Federal do Rio Grande do Norte, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Atividades de Experiência Literária com a escolha específica da obra de Fernando Pessoa.

Fernando Pessoa e a Sala de Aula

A proposta de trazer Fernando Pessoa para as oficinas da Rede Nordeste surgiu de um mapeamento realizado em que fizemos uma pesquisa em cinco escolas da rede pública do Rio Grande do Norte, sendo três na Grande Natal e duas no interior do Estado. Nessa amostragem, foram elaboradas algumas perguntas para serem feitas aos alunos, as quais transcrevemos abaixo.

Na primeira delas, inquiremos sobre se o nome Fernando Pessoa remetia a alguém, e algumas das respostas dos alunos foram:

– Ah, nunca ouvi falar.

– Eu conheço, é um escritor que têm três nomes diferentes, mas que não me lembro.

– Eu sei quem é, sim: ele é português de Portugal e escreveu muita poesia em seu nome e também dos heterônimos que eram: perai, deixa eu lembrar: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e o outro... ah... lembrei: Ricardo Reis.

Já na segunda pergunta: – Qual livro você já leu de Fernando Pessoa? Já manuseou algum livro dele? A unanimidade das respostas foi a de que nenhum dos alunos havia lido ou manuseado um livro inteiro de Fernando Pessoa:

– Não li nenhum, só poemas que a professora passou: “Tabacaria” foi o que mais gostei.

– Nenhum inteiro, mas li um poema legal que dizia: “Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.³ É dele, não é?

– Não conheço os livros dele: só da internet.

A terceira pergunta remetia ao conhecimento de *Mensagem*, quando obtivemos respostas como:

– Nunca ouvi falar desse livro.

– É do Fernando Pessoa? Não conheço.

– Tem na biblioteca, professora? Não conheço.

Nas respostas, observamos um número expressivo: 80% dos alunos conheciam Fernando Pessoa. Mas, dos que conheciam Fernando Pessoa, cerca de 93% só conheciam os heterônimos e cerca de 99% não haviam lido nenhum livro completo de Fernando Pessoa e quando citamos *Mensagem*, 99,5% dos alunos entrevistados desconheciam completamente o livro.

³ Os versos citados pelo aluno são parte integrante do poema x, “Mar Português”, do livro *Mensagem*: “Ó mar salgado, quanto do teu sal | São lágrimas de Portugal!”.

Estudamos esses dados comparativamente ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM⁴, em que realizamos uma análise das provas dos últimos nove anos, do período de 2014 a 2024 e Fernando Pessoa aparece apenas duas vezes nas provas, sendo a primeira, em 2017, na questão número 29 em que se utiliza um excerto da *Gramática Normativa do Rocha Lima*, que transcrevemos:

TEXTO I Fundamentam-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição, porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou. LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1989.

(MEC/INEP/ENEM, 2017, LC – 1 dia Caderno 1 – AZUL – p. 26)

E um excerto do *Livro do desassossego*, o qual,

TEXTO II Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmutou-se-me o desejo para aquilo que em mim Cria ritmos Verbais, ou os escuta de Outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida. PESSOA, F. *O livro do desassossego*. São Paulo: Brasiliense, 1986.⁵

(MEC/INEP/ENEM, 2017, LC – 1 dia/Caderno 1 – AZUL – p. 26)

O texto pessoano é utilizado em comparação ao excerto de Rocha Lima para justificar que a linguagem cumpre diferentes funções no processo de comunicação, não há a proposta de uma análise estética do poema, apenas a evidência de que ambos, o autor da gramática e o poeta produzem textos cuja função predominante é a metalinguística.

Na segunda vez em que Fernando Pessoa está presente no ENEM, já em 2020, na questão de número 74, em que se usa um “excerto do excerto” do poema IX de Caeiro:

⁴ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. As notas obtidas pelos alunos no Enem podem ser usadas para acesso ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni). Elas também são aceitas em instituições de educação superior portuguesas que têm acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

⁵ Para ampliar a leitura do *Livro do desassossego*, ver: <https://ldod.uc.pt/> (PORTELA e SILVA, 2017-2022).

TEXTO I Os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos E com as mãos e os pés E com o nariz e a boca. PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos – IX. In: GALHOZ, M. A. (Org.). *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999 (fragmento). (MEC/INEP/ENEM, 2020, CH – 1º dia | Caderno 1 – AZUL – p. 27)

O excerto é utilizado para de fazer uma comparação com outro micro excerto da *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty, o qual:

TEXTO II Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (adaptado). (MEC/INEP/ENEM, 2020, CH – 1º dia | Caderno 1 – AZUL – p. 27)

Da mesma forma, não há uma proposta de análise dos recursos estéticos do texto pessoano, ao final, a resposta a essa questão que une Caeiro e Merleau-Ponty faz o aluno chegar à conclusão de que: “Os textos mostram-se alinhados a um entendimento acerca da ideia de conhecimento, numa perspectiva que ampara valorização do corpo na apreensão da realidade” (MEC/INEP/ENEM, 2020, CH – 1º dia | Caderno 1 – AZUL – p. 27, conforme a resposta C, considerada correta para a questão proposta).

O que se observa, além da quase ausência da literatura pessoana nos exames nacionais para ingresso nas Universidades, é também o uso inadequado que se faz do rico texto pessoano, que não é analisado em relação aos procedimentos de construção que lhe conferem valor literário e autenticidade, não há a discussão de nenhum aspecto estético dos excertos dos poemas elencados, que são apresentados apenas como pretexto para outras análises e compreensões.

Assim, o que se observou na pesquisa foi um desconhecimento do patrimônio literário pessoano, o que nos motivou a estudá-lo dentro das propostas da Rede Nordeste de Ensino de Literatura, buscando apresentar aos alunos uma análise conjunta dos textos literários, e um pouco mais do universo literário de Fernando Pessoa.

Atividades Desenvolvidas pela Rede Nordeste

O primeiro texto selecionado foi a “Carta de amor equívoca” ou “Equivocal Love Letter”, que, segundo Pizarro e Ferrari (em PESSOA, 2013a: 23), foi publicado por Fernando Pessoa, ainda em Durban, na África do Sul, quando tinha a idade de 12 anos. A carta, atribuída a H.W.M. surgiu nas páginas de um pseudojornal que Fernando Pessoa elaborou em abril de 1901, e “não é, porém, uma criação inteiramente original, já que este tipo de missiva (Cópia de uma Curiosa Carta de Amor de um Cavaleiro para uma Dama) circulava no Reino Unido e nos Estados Unidos da América desde 1840, em folhas volantes, apenas com ligeiras variações. O jovem Pessoa

terá, então, entrado no jogo da variação do modelo, não deixando, todavia, de nos surpreender”, conforme Pizarro e Ferrari (em PESSOA, 2013a: 23).

Após uma primeira leitura, a carta traz, ao final, a recomendação para ser lida mais uma vez, recomeçando na primeira linha e lendo cada linha alternadamente até o final, ao que se terá um sentido totalmente diferente da primeira leitura, uma dupla significação. Uma aparente brincadeira que atraiu os alunos do ensino básico, pois eles ficavam testando variadas formas de leitura. A partir da leitura da carta pessoana, desenvolvemos a proposta em que alunos da escola A escreveram cartas de amor para serem entregues aos alunos da escola B. A atividade pedia que os alunos estudassem também as Cartas para Ofélia para se inteirarem mais dos escritos de Pessoa.

O resultado foi muito interessante, porque a atividade consistiu na leitura poética de textos literários praticamente desconhecidos e na produção de subjetividades a partir dos textos pessoanos, em que os alunos precisaram entender que o conhecimento e a interpretação não se dão somente quando lemos um texto, é preciso ler, decifrar, transcrever, anotar as dúvidas, etc. A atividade foi realizada com os anos finais do ensino fundamental, e para tal, os licenciandos e a professora precisavam também de fazer a adequação dos textos ao nível de ensino, com a produção, aplicação e avaliação do resultado.

Uma segunda proposta de Experiência de Leitura Literária dentro dos projetos vinculados à Rede Nordeste de Ensino de Literatura envolveu vários níveis de uma escola pública, com uma proposta denominada: “Cria o seu heterônimo!”. Essa atividade foi bastante interessante porque movimentou a escola toda, pois a maioria dos alunos só conheciam a tríade dos heterônimos pessoanos dos livros didáticos, que praticamente só trazem Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, e até o autor fictício Bernardo Soares, que assina boa parte dos fragmentos do *Livro do desassossego* (1982), é esquecido.

Os alunos ficaram perplexos ao descobrir o universo do heteronimismo pessoano de 136 autores fictícios documentados por Pizarro e Ferrari (PESSOA, 2013a). Interessante como esse desdobrar-se pessoano é receptivo aos alunos, eles se relacionam com isso, se aproximando. Na sistematização da proposta, cada aluno deveria, após estudar o fenômeno heteronímico: 01) Criar um heterônimo pessoano; 02) Criar uma biografia com data, local de nascimento e profissão; 03) Definir a personalidade e o estilo poético para o heterônimo criado; 04) Criar uma assinatura; 05) Desenhar a imagem do heterônimo, com suas características pessoais; 06) Escrever uma produção do heterônimo criado, em que fosse possível perceber a sua singularidade.

Ao final, os alunos realizaram uma exposição bastante original, que incluiu os desenhos ou caricaturas dos heterônimos e a sua produção escrita. Durante a culminância do projeto, a curiosidade movimentou a escola toda. E o mais interessante foi observar que cada aluno defendia o seu heterônimo como mais “pessoano” que o do outro. Como finalização da proposta, também foi realizada a declamação dos poemas/textos literários pelos alunos que a isso se disponibilizaram.

Com a realização dessa atividade, pudemos observar que há leitores espontâneos de Fernando Pessoa, mas são poucos. A literatura, e especialmente a literatura pessoana, deve ser ensinada a partir do fascínio que tem e aí o entusiasmo também deve levar ao conhecimento e informação que todas as disciplinas exigem, atentando, principalmente, para a construção formal que particulariza e redimensiona a obra pessoana em universos plurais, mas também em relação às demais obras, destacando-se a alteridade múltipla presente nos seus escritos.

Metodologias e Práticas no Chão da Escola

Os participantes do projeto refletiram acerca do valor da literatura pessoana enquanto material humanista essencial para a formação pessoal e cultural, fortalecendo a nossa atitude e a nossa certeza, pois os valores do literário pessoano são fundamentais para despertar os alunos a ler com tempo, com prazer, a ler com a dor do esforço pessoal e com responsabilidade, especialmente aqueles que vêm para as aulas, desmotivados para a literatura.

Quando um aluno afirma que “não sente necessidade de ler” refletimos muito sobre “o que significa não sentir a necessidade de ler”: é uma falta, uma incompletude, uma carência grave, pois a leitura de um livro nos leva para outros livros e outras vidas que podem enriquecer/transformar a nossa. E esse aluno vai ficar sem isso? Como um estudante pode passar pela escolarização sem conhecer Fernando Pessoa ou os grandes clássicos da literatura mundial, notadamente aquela escrita em sua língua, a portuguesa?

Mas como fazer isso? Como o professor deve lidar com o ensino da literatura? Qual é a relação entre literatura e educação humanística? Como envolver os graduandos de Letras, futuros professores, no ensino de literatura? De que forma o material literário pode ser apresentado em aulas, repercutido em ensino? Acreditamos que trabalhos práticos realizados no chão da escola se configurem como parte da resposta, pois neles potencializamos formas para que o material literário de Fernando Pessoa possa ser didatizado, decomposto em conteúdo para o ensino, com socialização e posterior publicação com acesso livre⁶, um trabalho que envolve os graduandos de Letras, futuros professores, no ensino de literatura, ampliando a relação literatura / estética / ética / educação humanística, com atuação na prática.

Para retomar, um dos grandes desafios que encontramos, ainda na graduação, é o de transformar leitores “semânticos” em leitores críticos, ou seja, não apenas “decifreadores”, pois é necessário que eles sejam capazes de identificar os recursos estéticos, os efeitos de sentido, a construção, a ideologia, a intertextualidade e, principalmente, a

⁶ Algumas das primeiras experiências de leitura literária sistematizadas pela Rede Nordeste de Ensino de Literatura, foram publicadas em e-book gratuito, organizado pela professora Daniela SEGABINAZI e pelo professor Rildo COSSON (2023).

reflexão sobre a possibilidade de a obra literária ser um espaço de discussão de poder, de espaços legitimados e não legitimados, aguçando a percepção. Um ponto importante a ser lembrado é que isso não se relaciona ao prazer da leitura *versus* valor estético, mas o professor deve mostrar que ambos podem coexistir no plano de ensino, que um está imbricado no outro.

Então, “o professor de literatura tem que ser um professor de entusiasmo”. A frase choca, mas o entusiasmo aqui não é no sentido de exultação, gritos, barulho, mas sim no sentido de um dever, um dever entusiasta e ético na construção de uma educação literária, uma preocupação em mostrar que o ensino e a leitura de literatura devem ir para além do “mero prazer” constantemente atribuído ao literário: antes de provocar prazer, a literatura deve doer. No caso pessoano, a “dor da leitura” se dá em função de que é uma leitura que requer um movimento múltiplo, uma dedicação especial, e também ao provocar nos leitores uma alteração singular da subjetividade: isso se dá em função de que o poeta realiza o exercício da escrita de forma tão potente que acaba por transferir ao leitor a sua própria dor.

O conhecimento literário diferencia-se de outras formas de conhecimento pela sua singularidade estética, são muitos saberes implícitos no literário, e a educação literária, vista como fonte de conhecimento e prazer, requer um momento de desvinculação da correria que o movimento escolar encerra em si: a literatura requer um momento próprio de leitura e desconexão daquilo que dispersa ou dilui a atenção, do movimento da sociedade contemporânea. Embora estejamos tratando de uma literatura múltipla, como a de Fernando Pessoa, o movimento que ela exige é contrário: requer atenção, releitura.

A literatura pessoana carrega em si uma ação política singular, no sentido de que sua multiplicidade requer também do leitor um movimento que parte de si rumo ao outro, como um desprendimento do eu, movimento contrário do que se observa no momento atual, tanto em relação ao ensino quanto ao social.

Nesse sentido, talvez não se possa falar em método de ensino para a literatura pessoana, visto que estamos falando de uma literatura que Rogério Almeida denomina de uma “educação para a pluralidade” (ALMEIDA, 2005: 253), mas talvez possamos falar de um caminho a ser percorrido, sem esquecer algumas questões importantes trabalhadas com os envolvidos no projeto, que referem não só à literatura pessoana, mas ao ensino de literatura em geral, em relação à escolha do *corpus*, aos dispositivos didáticos de leitura, à postura de leitura e à atividade mediadora, quais sejam:

1. Que todo e qualquer trabalho com literatura necessita de um planejamento anterior e de um tempo próprio, desvinculado da rapidez do cotidiano escolar;
2. Que os alunos também devem acessar conceitualmente as noções essenciais da literatura, reflexiva e criticamente;
3. Que não se pode esquecer a estreita relação entre a obra literária e o quadro histórico-cultural em que se desenvolve;
4. Que não podemos relegar a literatura infantil e juvenil e tampouco a leitura dos clássicos;

5. Que o comentário de textos é essencial, desde que não se torne uma técnica de rotina, sempre a mesma, que acabe desencorajando o aluno em relação à literatura. O aluno deve construir sua própria rede de conceitos, com base em seu trabalho com os textos literários e sua própria reflexão;

6. Que o aluno pode e deve possuir gostos de leitor que podem ou não coincidir com os do professor;

7. Que a leitura em voz alta em sala de aula é fator importante para a educação literária;

8. Que, nas aulas de literatura, qualquer que seja o nível de educação em que nos movemos, o essencial é que nossos alunos apreendam, percebam o que leem, desfrutem da compreensão e ao mesmo tempo compreendam que a literatura é uma arte, e, portanto, devem captar os recursos artísticos da linguagem literária.

Todas as pontuações acima partiram de uma sondagem escrita de opiniões coletadas depois da experiência com os textos pessoanos, ao término das disciplinas, com alunos do Ensino Médio e posteriormente com alunos recém ingressantes na graduação e também aos sétimo e oitavo semestres do Curso de Licenciatura em Letras, em que perguntamos aos alunos sobre o ensino de literatura que eles haviam recebido, e, no caso dos graduandos, principalmente o que eles entendiam sobre a questão Literatura-Educação.

O que se observou, nas respostas escritas pelos alunos foi uma série de substantivos e adjetivos que resumem as duas passagens que lhes foram e são oferecidas no ensino de literatura: uma, fechada e difícil; outra, acessível e ampla. A primeira passagem foi expressa por substantivos e adjetivos relativos à natureza compulsória, imposição, monotonia, tédio, memorização, incompreensão, tortura, motivadas, talvez, pela aplicação de uma didática que incompreende o que seja o literário e a sua especificidade, que, por sua vez, requer um tempo próprio.

Já a segunda, manifestada pela comunicação, prazer, encontro, aventura, mistério, fascinação, exploração, emoção, diversão, brincadeira, curiosidade, crítica, compreensão, abertura, fantasia e ilusão, que pode levar o aluno para um literário que se tornará para ele um guia, um desejo, uma dinâmica e um espaço de diálogo.

Duas palavras em especial se destacaram: problema e mistério – literatura é problema ou mistério? Já nos perguntava Moacyr Scliar em um texto denominado “A função educativa da leitura literária”, proferido como conferência na abertura do 10 COLE:

O filósofo Gabriel Marcel faz uma diferença entre um problema e um mistério. Problema, diz ele, é algo que obstrui a minha passagem, e mistério é algo em que me encontro envolvido. O problema é uma coisa que se quer resolver e o mistério é uma coisa que se quer vivenciar. Diz que a literatura não é um problema, diz que a literatura é um mistério. A literatura não exige soluções, exige envolvimento.

(SCLIAR, 1995: 171)

A proposta de Scliar é a ação do professor como mediador, em que o dilema ação *versus* interpretação se dilui e o próprio ato de interpretar se configura também em um instrumento precioso para se conhecer a realidade:

A arte da interpretação é uma arte fundamental, ela deve ser conjugada com a emoção do texto. Não há o dilema esfinge X emoção, na verdade uma coisa se complementa com a outra. Na verdade, a emoção do texto conduz à curiosidade, à necessidade de se conhecer melhor o texto. Conhecer melhor o texto aumenta a carga emocional que este texto nos conduziu. O trabalho do mestre é justamente equilibrar a carga de emoção com a carga de razão.

(SCLIAR, 1995, p.176)

Não vamos apresentar todos os resultados aqui, pois a pesquisa está ainda em andamento, mas é importante observar que obtivemos respostas as mais variadas, sendo algumas realmente surpreendentes e efetivamente orientadoras. Em geral, observamos uma crítica sobre a forma de ensino recebida e alguns verbos eram por eles utilizados com frequência, como “obrigar”, aludindo à leitura obrigatória e “gostar”, mencionando o prazer de ler. Ou seja, aspectos negativos, mas também muitos aspectos positivos sobre o ensino de literatura recebido.

Uma observação constante se deu em relação à pouca interação em sala de aula com textos efetivamente literários, a pouca leitura de literatura em sala e, em muitos casos, os alunos criticavam a postura inflexível do professor em relação aos textos. Sobre essa questão, retomamos SCLIAR (1995), que questiona a ação do professor enquanto guardião da esfinge, que é exatamente o que decide se o Édipo-aluno decifra o enigma do texto literário ou se vai ser devorado por uma sociedade extremamente competitiva:

Em outras palavras, o professor adquire o papel do guardião da esfinge. A esfinge, vocês sabem, propôs a Édipo um dilema que diz respeito ao que é o homem, um dilema que perguntava qual é o bicho que de manhã anda com quatro pernas, à tarde com duas e à noite, com três. É o homem que na infância rasteja no chão com pés e mãos, na maturidade anda sobre as duas pernas e na velhice usa um bastão para se apoiar. Mas a esfinge dizia a Édipo para decifrar ou iria devorá-lo. Não é outra, acho, a sensação que tem o aluno colocado diante de um texto que ele não entende e que ele tem que entender, porque se ele não entender, ele não vai passar no exame, não vai passar pelo vestibular, não vai entrar na faculdade, vai ser aquilo que os pais vão repetir constantemente enquanto ele estuda: um fracassado. Ele vai ser devorado pela esfinge de uma sociedade extremamente competitiva. (SCLIAR, 1995: 172)

Essas observações e relatos estão sendo analisadas como parte de uma pesquisa maior, em andamento, conforme já dito, mas alguns aspectos fundamentais necessitam de ser problematizados pelo professor de Literatura, levando-se em conta: o conhecimento da obra literária; a seleção adequada dos textos; a possibilidade de escolha: é interessante que muitos alunos vão escolher pelo tamanho do livro, pela quantidade de páginas; a participação dos alunos e o entusiasmo.

Conclusão e Perspectivas

A reflexão sobre o ensino da literatura proposta neste trabalho, especialmente sobre a obra de Fernando Pessoa, revela a complexidade e a importância de se criar um ambiente educacional que valorize a leitura e a interpretação literária. A experiência estética proporcionada pela literatura pessoana não deve ser vista apenas como um desafio, mas como uma oportunidade de formação integral do aluno, que pode desenvolver sua sensibilidade leitora e capacidade crítica. Acreditamos que, por meio da utilização de metodologias que incentivem a interação com os textos, como as propostas sistematizadas dentro dos projetos da Rede Nordeste de Ensino de Literatura, seja possível despertar o interesse dos estudantes e transformar a leitura literária em um ato prazeroso e significativo.

É fundamental que os educadores reconheçam a literatura como um espaço de diálogo e reflexão, em que o prazer da leitura se entrelaça com a construção de conhecimento. A formação de leitores críticos e engajados é um desafio que requer planejamento, tempo e uma abordagem que valorize a singularidade da obra literária. Compreendemos que o compósito da literatura pessoana possibilita ao professor um trabalho literário que vai desde a educação básica⁷ até a universidade.

Assim, refletindo sobre o futuro do ensino da literatura pessoana nas escolas, observamos que, ao trazer Fernando Pessoa para o “chão da escola”, sistematizando metodologias que possibilitem o aprendizado, e que estejam em repositórios abertos acessíveis aos professores, não apenas promovemos o acesso a um patrimônio literário rico e multifacetado, mas também contribuímos para a formação de cidadãos mais conscientes e sensíveis às questões sociais e humanas. E, nesse sentido, ao se fundarem caminhos, talvez se possa pensar em um futuro mais otimista, que permita aos alunos acederem à obra pessoana, num contato mais rico e fecundo com a literatura.

Portanto, o papel do professor de literatura é essencial, não apenas como mediador do conhecimento, mas como um entusiasta que inspira seus alunos a explorar o vasto universo da literatura, reconhecendo nela uma fonte de prazer, reflexão e transformação.

E o que seria então, o “chão da escola”, o que buscamos dizer com essa definição? O “chão” é entendido aqui como uma superfície onde se pode pôr o pé e andar, um caminhar indefinido: por trajetos já vistos e territórios ainda por explorar. No contexto de ensino-aprendizagem, o pensamento pedagógico de Paulo Freire é

⁷ Existem, no Brasil, coletâneas poéticas de textos pessoanos voltados para a infância e para a juventude. Algumas antologias: 01) PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa para crianças*: poemas selecionados da obra de Fernando Pessoa. Organização: Jakson de Alencar. Ilustração de Mirella Spinelli. Editora Paulus, 2010. 02) PESSOA, Fernando. *Eu(s)*: pequena antologia. Ilustração Ghislaine Herbéra. 1 ed. São Paulo: Editora Pé da Palavra, 2015. 03) PESSOA, Fernando. *Fernando pessoa - poemas para crianças*. Organização Alexei Bueno e Lu Martins. Editora: Martins Fontes, 2007.

um alicerce que poderia acompanhar as nossas reflexões, pois a palavra literária é um ato social e como tal, politicamente significativo, para nós, literatura e *práxis* se aproximam quando o estético, o ético, o poético e o político se entrecruzam na tarefa de estimular a leitura crítica do mundo.

O chão da escola é o espaço de excelência onde isso deve acontecer ou já acontece, como verificamos em muitas das narrativas apresentadas por professores das redes públicas nas oficinas da Rede Nordeste de Ensino de Literatura, são narrativas corajosas de professoras e professores audaciosos que nos falam da Literatura que muda a sensibilidade.

E quando recorro as professoras, por coincidência todas mulheres, que participaram da minha formação, digo, que foi no “chão das escolas” pelas quais passei que pude despertar minha emoção, minha razão teórica e também de carreira profissional, sendo esta última uma outra questão da qual precisamos falar e estimular em nossos alunos, com a possibilidade de a literatura “botar mantimento em casa sim”, lembrando os versos do poeta Manoel de Barros⁸. A responsabilidade ética com o aluno e do aluno para com a sua formação, o curso de Letras como uma possibilidade futura de carreira profissional, com degraus a galgar, a possibilidade de os alunos se auto sustentarem por meio da carreira escolhida, como já discutimos anteriormente em outra reflexão (GONÇALVES, 2015). Utopicamente, não podemos pensar no “professor de entusiasmo” sem aventar também questões como currículos, conteúdos, valorização do trabalho dos educadores, que envolve condições de trabalho, profissionalização da carreira docente, remuneração, formação continuada, etc.

Recordo, finalmente, essa primeira professora, Maria Celeste, que possui uma meiguice ímpar nos modos de falar, de lidar com o ensino de literatura, nas leituras em voz alta que fazia, nos livros que trazia para lermos e folhearmos em sala. Ela me emprestou obras de Flaubert, Gonçalves Dias, e tantos outros livros, que eu levava para casa como se fosse uma preciosidade, mas lembro de mais duas coisas em rela-

⁸ Remetemos aqui ao poema denominado Fraseador “Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terra. Que eu queria era ser fraseador. Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal de fraseador bota mantimento em casa? Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas se esse fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar. A mãe abaixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada” (BARROS, 2006: 13). No poema citado, Manoel de Barros, ao elencar o fazer poético como algo não pragmático, não útil, por assim dizer, reforça o sentido da praticidade cartesiana que necessitamos encontrar em nossas ações, a necessidade de buscar uma utilidade prática para tudo o que fazemos que, no caso do irmão do eu-lírico, personagem do poema, seria a de sustentar a família e de se autossustentar por meio da ocupação escolhida, no caso, o fazer-poético, o ser-fraseador.

ção a ela que gostaria de comentar para fechar a nossa reflexão: ela possuía um fusca, num tempo em que isso era luxo, e também foi a primeira a chegar na escola calçando uma sandália Grenda, sempre carregada de livros, objetos de desejo. E Celeste despertou em mim a vontade de conjugar trabalho, subsistência própria e familiar, prazer, inteligência e beleza estética, por que não?

Bibliografia

- ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de (2014). "Literatura e ensino: perspectivas metodológicas". *Rios Eletrônica* [Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco], vol. 8, n.º 8, dez., pp. 7-19, <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/557>
- ALMEIDA, Rogério de (2005). "O imaginário de Fernando Pessoa: da educação cindida à educação sentida". Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em linha: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27022015-110617/>
- BARROS, Manoel de (2006). *Memórias inventadas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- CALVINO, Ítalo (2000). *O caminho de San Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1990). *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio (2006). *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.
- _____. (2004). "O direito à literatura". *Vários escritos*. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 4.ª ed., pp. 169-191.
- COSSON, Rildo (2020). *Paradigmas do ensino de literatura*. São Paulo: Contexto.
- DALVI, Maria Amélia (2021). "Educação, literatura e resistência". *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação*. Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (org.). São Paulo: Parábola, pp. 17-44.
- FREIRE, Paulo (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- GONÇALVES, Marta Aparecida Garcia (2015). "Literatura bota mantimento em casa, sim! Reflexões sobre o ensino de literatura nos cursos de Letras". *Literatura e formação do leitor: escola e sociedade, ensino e educação*. João Luís Pereira Ourique (org.). Ijuí: Editora Unijuí, pp. 155-172.
- LAJOLO, Marisa (2008). "Leitores e leitura escolar nos estudos literários". *Literatura & Ensino*. Josalva Fabiana Santos e Luiz Eduardo Oliveira (orgs.). Maceió: EDUFAL, pp. 61-74.
- _____. (1993). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática.
- LEAHY-DIOS, Ceany (2004). *Educação literária como metáfora social*. São Paulo: Martins Fontes. 2.ª ed.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha Lima (1989). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MACEDO, André Barbosa de; SALAZAR, Brenda (2021). "Pessoa e a heteronímia: proposta de sequência didática". *Revista Desassossego*, vol. 13, n.º 25 [Literatura, artes e doença], dez., pp. 257-278. <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/183025>
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – INEP. *Exame Nacional do Ensino Médio, Provas e gabaritos*. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>
- MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues (2012). "Literatura e biblioteca em Jorge Luis Borges e Ítalo Calvino". Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em linha: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-8RWLF3>
- PAULINO, Graça (2010). *Da leitura ao letramento literário*. Cristina Rosa (org.). Belo Horizonte: FaE/UFMG; Pelotas: EDGUF.
- PESSOA, Fernando (2023). *Cartas de amor*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2021). *Mensagem*. Edição de Jerónimo Pizarro. Leitura do texto de António Cirurgião. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2014). *Mensagem*. Apresentação, organização e ensaios, Cleonice Berardinelli). Rio de Janeiro: Edições de Janeiro.
- _____. (2013a). *Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2013b). *Livro do desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil.

- ____ (2011). *Cartas de amor*. Organização de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 5.^a ed.
- ____ (1965). *Quadras ao Gosto Popular*. Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- PORTELA, Manuel; RITO, António Rita (2017-2022) (orgs). *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. URL: <https://ldod.uc.pt/>
- SEGABINAZI, Daniela; COSSON, Rildo (2023) (orgs.). *Práticas de Letramento Literário na Escola*. Fortaleza: Editora da UECE. Livro eletrônico, disponível em linha: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2023/07/Pr%C3%A1ticas-de-Letramento-Liter%C3%A1rio-na-escola.pdf>
- SCLIAR, Moacyr (1995). “A função educativa da leitura literária”. *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Marcia Abreu (org.). Campinas: Mercado de Letras, pp. 161-177.
- ZILBERMAN, Regina (2010). *A leitura e o ensino de literatura*. Curitiba: Ibpx.

MARTA APARECIDA GARCIA GONÇALVES é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Paraná e pela Universidade Católica Dom Bosco. É professora e pesquisadora do Departamento de Letras da UFRN, com atuação na graduação e na pós-graduação. Coordena o PIBID/ UFRN e é membro da Rede Nordeste de Ensino de Literatura e do grupo de pesquisa *Historiografia Literária, Cânone e Ensino* (UnB). Tem experiência na área de ensino de literatura, com ênfase nos seguintes temas: literaturas de língua portuguesa, formação de professores, ensino de literatura e ensino da literatura pessoana. Coordena os projetos de pesquisa: Rede Nordeste de Pesquisa e Ensino de Literatura: criação e sistematização de propostas didáticas para a educação básica do RN e Fernando Pessoa no Chão da Escola: Rede Nordeste de Pesquisa e Ensino de Literatura.

MARTA APARECIDA GARCIA GONÇALVES holds a Ph.D. in Literature from the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). She earned her undergraduate degree in Literature from the Federal University of Paraná and the Dom Bosco Catholic University. She is a professor and researcher in the Department of Literature at UFRN, working at both undergraduate and graduate levels. She is the coordinator of PIBID/UFRN and a member of the Northeast Network for Literature Teaching and the research group *Literary Historiography, Canon, and Teaching* (UnB). Her expertise lies in literature teaching, focusing on the following areas: Portuguese-language literatures, teacher education, literature instruction, and the teaching of Pessoa's works. She coordinates the research projects: Northeast Network for Literature Research and Teaching: Creation and Systematization of Didactic Proposals for Basic Education in RN and Fernando Pessoa in the Classroom: Northeast Network for Literature Research and Teaching.